

ENTRANDO EM COMUNHÃO

- *«Tomai e comei»*

Quando Jesus entra em casa dos seus discípulos, esta torna-se a sua casa. O convidado torna-se anfitrião. Aquele que foi convidado passa a ser aquele que convida. Os dois discípulos que confiaram o suficiente no estranho para o deixarem entrar no seu espaço mais íntimo, são agora conduzidos para a vida íntima do seu anfitrião.

«E, quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho.» Tão simples, tão vulgar, tão óbvio e, contudo — tão diferente! Que mais podemos fazer quando partilhamos o pão com os nossos amigos? Tomamo-lo, abençoamo-lo, partimo-lo e repartimo-lo. É para isso que o pão serve: para ser tomado, abençoado, partido e repartido. Nada de novo, nada de surpreendente. Acontece todos os dias, em inúmeras casas. Faz parte da essência da vida. Nós não podemos viver de verdade sem pão que seja tomado, abençoado, partido e repartido. Sem isso não existe intimidade à mesa, nem comunidade, nem laços de amizade, nem paz, nem amor, nem esperança. Com esse pão, porém, tudo pode tornar-se novo!

Talvez tenhamos esquecido que a Eucaristia é um simples gesto humano. Os paramentos, as velas, os ministros do altar, os grandes livros, os braços estendidos, o grande altar, os cânticos, as pessoas — nada parece muito simples, muito vulgar nem muito óbvio. Muitas vezes, precisamos de um livrinho para seguir a cerimónia e compreender o seu significado. No entanto, nada disso pretende ser diferente daquilo que sucedeu naquela pequena aldeia entre os três amigos. Há pão sobre a mesa; e também há vinho sobre a mesa. O pão é tomado, abençoado, partido e repartido. O vinho é tomado, abençoado e repartido. E isso que sucede à volta de cada mesa que pretenda ser uma mesa de paz.

- *Tomai e comei, isto é meu corpo, tomei e bebei, isto é o meu sangue, fazei isto em memória de mim.*

De cada vez que convidamos Jesus para nossa casa, ou seja, para a nossa vida, com todos os seus aspectos luminosos e obscuros, e que lhe oferecemos o lugar de honra à nossa mesa, Ele toma o pão e o cálice e reparte-os por nós, dizendo: «Tomai e comei, Isto é o meu corpo. Tomai e bebei, isto é o meu sangue. Fazei isto em memória de mim» Fomos apanhados de surpresa? Para dizer a verdade, não! Não ardia o nosso coração quando Ele nos falava no caminho? Porventura, não tínhamos já percebido que Ele não era um

estranho para nós? Não estávamos já conscientes de que aquele que fora crucificado pelos nossos chefes estava vivo e no meio de nós? Porventura, não o tínhamos visto noutras ocasiões, em que Ele tomara o pão, o abençoara, o partira e o repartira por nós? Ele fê-lo diante da grande multidão que escutara a sua palavra durante longas horas, fizera-o na sala de cima, antes de Judas o ter entregado para sofrer, e fê-lo inúmeras vezes em que tínhamos chegado ao fim de uma longa jornada e Ele se juntou a nós à volta da mesa para uma simples refeição.

- A Eucaristia é o gesto simultaneamente mais comum e mais divino que possamos imaginar.

É essa a verdade de Jesus. Tão humana e, no entanto, tão divina; tão familiar, mas tão misteriosa; tão íntima, mas tão reveladora! Mas também é essa a história de Jesus que, sendo «de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz» (FI 2,6-8). É a história de Deus, que quer fazer-se nosso próximo, tão próximo que podemos vê-lo com os nossos olhos, ouvi-lo com os nossos ouvidos, tocá-lo com as nossas mãos; tão próximo, que não exista nada entre nós e Ele, nada que nos separe, nada que nos divida, nada que provoque distanciamento.

- Jesus dá tudo o que tem para dar.

Jesus é “Deus-para-nós”, “Deus-connosco”, “Deus-dentro-de-nós”. Jesus é Deus a dar-se completamente, a derramar-se sem reservas para nós. Jesus não se retrai nem fica agarrado àquilo que lhe pertence. Ele dá tudo o que tem para dar. «Comei, bebei, isto é o meu corpo, isto é o meu sangue... isto sou Eu para vós!»

Todos nós conhecemos este desejo de nos doarmos à mesa. Por isso, dizemos: «Come e bebe; eu preparei esta refeição para ti. Come um pouco mais; estes alimentos são para tu desfrutares, para seres fortalecido, sim, para sentires até que ponto eu te amo.» Aquilo que nós desejamos não é apenas dar de comer, mas darmos-nos a nós mesmos. «Sê meu convidado», costumamos dizer. E, ao animar os nossos amigos a comer da nossa mesa, queremos dizer: «Sê meu amigo, sê meu companheiro, sê o meu amor — sê parte da minha vida — eu quero dar-me a ti.»

Na Eucaristia, Jesus dá tudo o que tem. O pão não é apenas um sinal do seu desejo de se tornar nosso alimento; o cálice não é apenas um sinal da sua vontade de ser nossa bebida. Pão e vinho «tornam-se» o seu corpo e o seu

sangue pela doação. O pão, na verdade, é o seu corpo que se entrega por nós; o vinho é o seu sangue derramado por nós. Tal como Deus se torna plenamente presente para nós em Jesus, também Jesus se torna plenamente presente para nós no pão e no vinho da Eucaristia. Deus não só se fez carne por nós, há muitos anos, num país muito distante. Deus também se tornou alimento e bebida para nós, neste momento da celebração eucarística, precisamente no lugar em que nos reunimos, à volta da mesa. Deus não retém nada para si; Deus dá tudo. É este o mistério da Encarnação, e é também o mistério da Eucaristia. Encarnação e Eucaristia são as duas expressões do amor Imenso de auto doação de Deus. E, assim, o sacrifício da cruz e o sacrifício da mesa são um só sacrifício, uma auto doação completa e divina, que se estende a toda a humanidade no tempo e no espaço.

- Jesus, meu amigo, sê meu companheiro, o meu amor, eu quero dar-me a ti.

A palavra que melhor exprime este mistério do amor de auto doação total de Deus é «comunhão». É a palavra que contém a verdade de que, em Jesus e através de Jesus, Deus quer, não só ensinar-nos, instruir-nos ou inspirar-nos, mas fazer-se um conosco. Deus deseja unir-se plenamente a nós de tal modo que todo o ser de Deus e todo o nosso ser possam unir-se num amor perdurável. Toda a longa história da relação de Deus com os seres humanos, que somos nós, é uma história de comunhão cada vez mais profunda. Não é apenas uma história de uniões, separações e uniões restabelecidas, mas uma história em que Deus procura caminhos sempre novos para entrar em íntima comunhão com os que foram criados à imagem divina.

Dizia Agostinho: «A minha alma anda inquieta enquanto não repousar em vós, Senhor.» Ao examinar, porém, a tortuosa história da nossa salvação, apercebo-me que não somos só nós que ansiamos por pertencer a Deus: Deus também está ansioso por nos pertencer a nós. É como se Deus estivesse a clamar: «O meu coração anda inquieto enquanto eu não puder repousar em vós, minhas criaturas bem-amadas.» Desde Adão e Eva a Abraão e Sara, desde Abraão e Sara a David e Betsabé, desde David e Betsabé a Jesus e desde então para cá, Deus clama, pedindo para ser recebido por aqueles que lhe pertencem. «Eu criei-te, dei-te todo o meu amor, guiei-te, ofereci-te o meu apoio, prometi-te que se realizariam todos os anseios do teu coração: onde estás, qual é a tua resposta, onde está o teu amor? Eu não vou desistir, vou continuar a insistir. Um dia descobrirás como eu anseio pelo teu amor!»

- Deus deseja a comunhão.

Deus deseja a comunhão: uma unidade que é vital e que está viva, uma intimidade que provém de ambos os lados, uma ligação que seja verdadeiramente mútua. Nada forçado ou «obrigado», mas uma comunhão livremente oferecida e recebida. Deus faz tudo o que está ao seu alcance para tornar possível essa comunhão. Deus faz-se criança dependente dos cuidados humanos, faz-se rapaz necessitado de orientação, faz-se mestre em busca de discípulos, faz-se profeta que clama por seguidores, finalmente, faz-se morto trespassado pela lança de um soldado e metido num sepulcro. No fim desta história, está de pé e fita-nos, perguntam-nos com um olhar cheio de terna expectativa: «Tu amas-me?», e mais uma vez, «Tu amas-me?» e ainda uma terceira vez, «Tu amas-me?»

É este fortíssimo desejo que Deus sente de entrar na relação mais íntima conosco que forma o núcleo da celebração eucarística e da vida eucarística. Deus não quer apenas entrar na história humana, tornando-se uma pessoa que vive numa época específica e num país determinado, mas também quer passar a ser nosso alimento e bebida quotidianos, em qualquer época e em qualquer lugar.

Por isso, Jesus toma o pão, abençoa-o, parte-o e reparte-o por nós. E, depois, quando vemos o pão nas nossas mãos e o levamos à boca para o comermos, então, sim, os nossos olhos abrem-se e nós reconhecemo-lo.

- A Eucaristia é reconhecimento

A Eucaristia é reconhecimento. É a percepção plena de que aquele que toma o pão e o abençoa, parte e reparte é o mesmo que, desde o princípio dos tempos, desejou entrar em comunhão conosco. Comunhão é o que Deus quer e também aquilo que nós queremos. É o grito mais profundo de Deus e do nosso coração, porque nós fomos criados com um coração que só se poderá satisfazer por Aquele que o criou. Deus imprimiu no nosso coração um anseio por comunhão que só Deus pode, e quer, satisfazer. Deus sabe-o; nós, raramente o sabemos. Continuamos a procurar noutros lugares essa experiência de pertença. Olhamos para o esplendor da natureza, para a agitação da história, para o especto atraente das pessoas, mas essa simples fração do pão, tão vulgar e tão pouco espetacular, parece um lugar muito improvável de encontrarmos a comunhão pela qual ansiamos. Contudo, se tivermos chorado as nossas perdas e escutado o Senhor no caminho, convidando-o a entrar no nosso ser mais íntimo, ficaremos a saber que a comunhão por que temos ansiado é a mesma comunhão que Deus tem ansiado oferecer-nos.

- Reconheceram-no, mas ele e desapareceu da sua presença.

Há uma frase no episódio de Emaús que nos conduz, precisamente, ao mistério da comunhão. É a frase: "...reconheceram-no; mas Ele desapareceu da sua presença.» No preciso momento em que os dois amigos o reconhecem ao partir do pão, Jesus já não está com eles. Quando o pão lhes é dado a comer, deixam de o ver sentado com eles à mesa. Enquanto eles comem, Jesus tornou-se invisível. Quando eles entram na mais íntima comunhão com Jesus, o estranho — que se tornou amigo — deixa de estar com eles. Precisamente quando se torna mais presente para eles, Jesus também se torna o ausente.

Estamos a tocar um dos aspetos mais sagrados da Eucaristia: o mistério da comunhão mais profunda com Jesus é urna comunhão que acontece na sua ausenta. Os dois discípulos que se encaminhavam para Emaús tinham-no escutado durante muitas horas, tinham-no acompanhado de aldeia em aldeia, tinham-no ajudado na sua pregação, tinham descansado e comido com Ele. Ao longo do ano, Ele tornara-se seu mestre, seu guia, seu senhor. Todas as esperanças que ambos nutriam de um futuro novo e melhor estavam centradas nele. Contudo... nunca tinham chegado a conhecê-lo plenamente, a entendê-lo perfeitamente. «Agora não compreendeis, mais tarde compreenderéis», dissera-lhes Ele, muitas vezes. Eles não sabiam ao certo o que estava a tentar dizer-lhes. Pensavam que estavam mais próximos dele do que de qualquer outra pessoa que jamais tivessem conhecido. Contudo, Ele continuava a dizer: «Digo-vos isto agora... para que, mais tarde, quando Eu já não estiver convosco, vos lembreis e compreendais.» Certo dia chegara mesmo a dizer-lhes que era bom que partisse, para que o seu Espírito pudesse descer e conduzi-los à plena intimidade com Ele. O seu Espírito abrir-lhes-ia os olhos, fazendo-os compreender plenamente quem era e porque descera até eles.

- Agora não compreendeis, mais tarde compreenderéis.

Durante todo esse tempo com os discípulos, a comunhão nunca fora plena. Sim, tinham vivido com Ele e tinham-se sentado a seus pés; tinham sido seus discípulos, e até mesmo seus amigos. Mas ainda não tinham entrado em plena comunhão com Ele. O Corpo e o Sangue de Jesus ainda não se tinha tornado «um» com o corpo e o sangue deles. Sob muitos aspetos, Ele continuara a ser sempre o outro, «aquele ali», aquele que ia à frente deles mostrando-lhes o caminho. Mas quando eles comem o pão que Jesus lhes dá e o reconhecem, esse reconhecimento é uma profunda consciência espiritual de que, agora, Jesus habita o seu ser mais profundo, de que, agora, Jesus respira neles, fala neles, sim, vive neles. Quando comem o pão que Ele lhes estende, as suas vidas transformam-se na vida dele. Já não são eles que

vivem; é Jesus Cristo que vive neles. E precisamente nesse momento mais sagrado de comunhão, Jesus desapareceu da vista de ambos.

É isto que nós vivemos na celebração eucarística. E também é isto que nós vivemos quando levamos uma vida eucarística. É uma comunhão tão íntima, tão santa, tão sagrada e tão espiritual que os nossos sentidos corporais já não podem alcançá-la. Nós já não podemos vê-lo com os nossos olhos mortais, ouvi-lo com os nossos ouvidos mortais ou tocá-lo com os nossos corpos mortais. Ele alcançou esse lugar dentro de nós que os poderes das trevas e do mal não podem alcançar, esse lugar ao qual a morte não tem acesso.

- Agora é Cristo que vive em nós.

Quando Jesus nos estende o pão e o coloca nas nossas mãos, quando aproxima o cálice dos nossos lábios, pede-nos que nos libertemos da amizade fácil que nos tem unido a Ele e dos sentimentos, emoções e até mesmo pensamentos que fazem parte dessa amizade. Quando comemos o seu Corpo e bebemos o seu Sangue, aceitamos a solidão de já não o termos à nossa mesa como voz consoladora que conversa connosco, ajudando-nos a enfrentar as perdas da nossa vida quotidiana. É a solidão da vida espiritual, a solidão de saber que Ele está mais perto de nós do que nós alguma vez poderemos estar perto de nós próprios. É a solidão da fé.

Nós continuaremos a clamar, «Senhor, tem piedade»; nós continuaremos a escutar as escrituras e o seu significado; nós continuaremos a dizer: «Sim, creio.» Mas a comunhão com Ele ultrapassa em muito tudo isso. Ela leva-nos ao lugar em que a luz cega os nossos olhos e em que todo o nosso ser está envolto em «não ver». É nesse lugar de comunhão que clamamos: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?» É nesse lugar, também, que do nosso vazio brota a oração: «Pai, em tuas mãos entrego o meu Espírito.»

- A comunhão com Jesus significa tornarmo-nos como Ele

A comunhão com Jesus significa tornarmo-nos como Ele. Com Ele somos pregados à cruz, com Ele somos metidos no sepulcro, com Ele somos ressuscitados e caminhamos lado a lado como viajantes perdidos na sua caminhada. A comunhão, a nossa identificação com Cristo, conduz-nos a um novo reino do ser, impele-nos a entrar no Reino. Aí, as velhas distinções entre felicidade e tristeza, êxito e fracasso, louvor e acusação, saúde e doença, vida e morte deixam de existir. Aí, já não pertencemos ao mundo que continua a dividir, a julgar, a separar e a avaliar. Aí, pertencemos a Cristo e Cristo pertence-nos a nós, e com Cristo pertencemos a Deus. De repente, os dois discípulos, que o reconheceram ao comer o pão, estão novamente sozinhos. Mas não com a solidão com que tinham dado início à sua viagem.

Estão sozinhos, juntos, e sabem que um novo elo de união foi estabelecido entre eles. Já não têm os olhos pregados no chão nem o rosto abatido. Olham um para o outro e exclamam: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?»

- A comunhão cria comunidade

A comunhão cria comunidade. Cristo, vivendo neles, uniu-os de uma maneira nova. O Espírito de Cristo ressuscitado, que entrou neles ao comerem o pão e beberem do cálice, não só os fez reconhecer o próprio Cristo, mas também um ao outro, como membros de uma nova comunidade de fé. A comunhão faz-nos olhar uns para os outros e falar uns com os outros, não acerca das últimas notícias, mas acerca daquele que caminhava ao nosso lado. Descobrimo-nos mutuamente como pessoas que pertencem umas às outras, porque agora cada um de nós lhe pertence a Ele. Estamos sozinhos, porque Ele desapareceu da nossa vista, mas estamos juntos, porque cada um de nós está em comunhão com Ele e por isso tornou-se um só corpo através dele.

Nós comemos o seu Corpo e bebemos o seu Sangue. Ao fazê-lo, todos nós, que comemos do mesmo pão e bebemos do mesmo cálice, nos tornamos um só corpo. A comunhão cria comunidade, porque o Deus vivo em nós faz-nos reconhecer Deus vivo nos homens nossos irmãos. Nós não podemos ver a Deus na outra pessoa. Só Deus em nós pode reconhecer Deus na outra pessoa. Isso que significamos quando dizemos: «O Espírito fala ao Espírito, o Coração fala ao Coração, Deus fala a Deus.» A nossa participação na vida íntima de Deus conduz-nos a uma nova forma de participação na vida uns dos outros.

Isto pode parecer muito «irreal», mas, quando nós o vivemos, torna-se mais real do que a «realidade» do mundo. Como diz Paulo: «O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão» (1 Cor 10,16-17).

Este novo corpo é um corpo espiritual, moldado pelo Espírito de amor. Manifesta-se através de formas muito concretas: do perdão, da reconciliação, do apoio mútuo, da ajuda a pessoas necessitadas, da solidariedade com todos os que sofrem, e de uma preocupação crescente com a justiça e com a paz. Assim, a comunhão não só cria comunidade, mas a comunidade conduz sempre à missão.

Henry Nouwen, *Não nos ardia o coração? Uma meditação sobre a vida eucarística*, Paulinas, 2ª 2006. Capítulo III, *Entrando em comunhão*, pp. 72-73. Texto resumido e arranjado por Padre Leone Orlando.